EPEPE
IV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL EM PERNAMBUCO
Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Metodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo temático 2 – Educação e Memória

O MUSEU COMO EXTENSÃO DA SALA DE AULA: ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O USO E MEMÓRIA NO MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE.

Renata P. S. Moraes - UFPE
Juliana da Costa Ramos – UFRPE

Resumo

Ao problematizarmos questões alusivas à reminiscência e a construção histórica sobre a memória coletiva verificamos que as diferentes abordagens referentes aos usos dos museus não estão isentas de disputas e conflitos políticos e sociais. É relevante perceber que o espaço museal é dimensão de uma memória viva no tempo e sua sacralização também faz parte da lógica que permite trazer à luz a uma memória e por vezes silenciar outras. Sobre esse mote apreendemos que ao conceito de muselização se agregam demandas relacionadas à ressignificação de identidades no que se refere à aquisição de cidadania e a memória. Desta forma almejamos aqui, refletir sobre que contribuições puderam ser extraídas das práticas de mediação cultural vivenciadas no Museu do Homem do Nordeste. Nesta ocasião nos propomos problematizar os usos e a memória projetada por grupos escolares que visitaram o museu, a fim de compreender a maneira pela qual a educação em museus pode ou não otimizar as práticas didático-pedagógicas e proporcionar aos alunos o protagonismo no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a estes sujeitos estarem abertos a sua própria transformação.

Palavras-chave: Museu do Homem do Nordeste, Sala de Aula, Usos, Memória, Identidade e Alteridade.

O museu que pertence à Fundação Joaquim Nabuco e que, segundo palavras de Gilberto Freyre – seu idealizador - , “abre aos estudiosos, em particular, e ao público, em geral, um museu com este empenho: o de ser uma documentação viva da cultura do Homem do Nordeste”.(MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE,2000)[1] Tratamos aqui de um museu socioantropológico, cujas salas e objetos propõem-se a mostrar na atual exposição Nordeste: Territórios Plurais e Direitos Coletivos; alguns dos vários elementos que formam, digamos assim, a essência da identidade nordestina. Tarefa árdua, dada à complexidade do tema, e um tanto frustrada segundo a perspectiva da Museologia Social, pois o espaço acaba por engessar uma concepção ficcional de Nordeste, além de legitimar alguns estereótipos.

Entretanto é sabido também que desde 2009 o museu coloca tais problemáticas em xeque, com o intuito de debater que identidade é nordestina é essa, nossa intensão ao trazer tal questão é problematizar a visão de Nordeste ficcional que se encontra não somente na exposição de longa duração do MUHNE, mas que se abriga no imaginário de docentes que ainda visitam e trazem seus alunos ao museu com o intuito de mostrar um pouco da cultura das “raças formadoras aa identidade brasileira: negros, brancos e indígenas” e salientar aspectos de uma tradição nordestina baseada nos engenhos coloniais, na cultura pitoresca e folclorizada dos “mestiços” e do índio e seu exotismo.

A disposição das peças torna-se um convite ao encanto e ao compartilhamento de experiências, memórias e identificações em vários públicos, porém acaba por reforçar uma distancia forte presente na maioria dos museus existentes: a perda de significado uso dos objetos, através inclusive da própria vitrinização do acervo. O museu atualmente apresenta seu acervo de um modo a exibir uma idealização e homogeneização do que é ser nordestino, pois ainda representa, apesar de esforços contrários, o modo “trifásico”: o branco português, o negro e o indígena, cada qual em seu espaço – em sua casa grande, senzala e aldeia respectivamente – e com sua colaboração. Legitimando a ideia dicotômica de “vida de branco, vida de negro e vida de índio. Religião de branco, religião de negro e mixórdia de estilos indígenas estetizados”.

[1] O Museu do Homem do Nordeste – São Paulo: Banco Safra, 2000. P, 16.

Neste sentido é na mediação tenta alargar essa perspectiva nitidamente freyriana e esteticizante do que vem a ser uma exposição museal sobre o Homem do Nordeste, não como propagadores de um discurso de verdade inquestionável, ou que almeja abolir as tradições; mas como provocador de questões. O setor educativo do museu vem se ocupando em fazer um melhor contato entre o público escolar e o espaço museal através da presença da atividade de mediação, realizada por estagiários de várias áreas de graduação (História, Pedagogia, Museologia, Artes Plásticas), além de diversos cursos, seminários e debates promovidos com o intuito de trabalhar tais dilemas com professores de diversas áreas de trabalho e formação. Problematizando a questão desde a formação até a metodologia aplicada durante as visitas, colocando professor e mediador como parceiros na produção e troca de saberes.

Diferente da atividade determinada às figuras do monitor ou guia, o mediador busca realizar uma comunicação mais íntima e clara entre o público e a exposição, com o intuito de atuar como facilitador e provocador do público. Afim de proporcionar uma vivência no museu centrada na experiência da troca e na promoção do estranhamento e alteridade. Maria Isabel Leite ao falar sobre a relação das obras de arte com os museus diz algo que também ocorre no ato de mediar:

> "Os sujeitos, em suas interações diversas, circulam em vários espaços culturais e experienciam, também, diferentes formas de produção cultural. É no diálogo com o outro e com acultura que cada um é constituído, desconstruído, reconstruído, cotidianamente. O acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade."(LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. [org.] 2005)[2]

Centrando assim a atividade educativa dentro do museu ao público (e mais atentamente, ao aluno), permite-se que este seja o protagonista da visitação; pede-se que este experimente outras formas de se ver o objeto e de percebê-lo, especialmente através de atividades lúdicas. Desse modo, o museu busca quebrar essa distância entre o que é exposto e o cotidiano do visitante, estimula seu imaginário e sua sensibilidade para a experiência que outros sujeitos vivenciaram em diversas épocas, buscam aguçar a reflexão crítica sobre os discursos aos quais eles tiveram contato através da família, da comunidade, das mídias e da própria escola.

---

[2] LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (org.). Museus, Educação e Cultura: encontros de crianças e professores com a arte (3ª edição) – Campinas, SP. Papirus, 2005. P. 23.

Tudo isso além de demandar tempo e disposição do grupo também tem como fundamental o preparo dos docentes que propõem a visita. Poderíamos citar diversos elementos que dificultam a preparação da visita, mas o que se deseja levantar aqui é sobre o debate que o título sugere: a visão de que o museu é uma extensão da sala de aula. Essa visão tida por alguns educadores pode prejudicar a ação educativa ocorrida na escola e a que se planeja realizar pelo corpo educativo do museu. Por isso levantamos a bandeira da formação continuada, e mais que isso da inserção de centros culturais no cotidiano da população. Entendendo os centros culturais como:

> "[...] lugares mais amplos e mais abrangentes, onde a instituição pode conectar-se aos interesses externos [...] De qualquer maneira, o centro cultural é um instrumento e catalisador adjunto da comunidade – um "centro comunitário". Entretanto, o adjetivo "comunidade" pode ser definido pelo engajamento, diálogo, debate, controvérsia, mas sempre, como descrito pelo saudoso museólogo norte-americano Steve Weil, "**um lugar seguro para ideias inseguras**".[3] (W. RICHARD WEST JR. 2010. Grifos meus).

É preciso ter em mente por todos os envolvidos nessa atividade algo que parece óbvio, mas que quando analisamos com maior cuidado apresenta divergências e desconhecimentos que acabam por gerar experiências que fogem do planejado por ambos os lados. Para tornar mais claro, podemos citar Kramer quando afirma que:

> "para ser educativa, a arte precisa ser arte e não arte educativa; do mesmo modo, para ser educativo, o museu precisa ser espaço de cultura e não um museu educativo. É na sua precípua ação cultural que se apresenta a possibilidade de ser educativo. O museu não é lugar de ensinar a cultura, mas, sim, lugar de cultura" [4] (KRAMER apud LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. [org.] 2005).

Ora, para se vivenciar essa cultura no espaço museal, em particular a cultura nordestina, é preciso que tanto alunos quanto professores vivenciem antes de forma consciente não apenas a educação cognitiva conteudísta (que é a mais demandada pelo público escolar), mas a educação desse público enquanto sujeitos, indivíduos que experimentam e percebem o mundo apreendendo seus elementos e aprendendo por uma atividade complexa e constante não apenas pelo ato de falar ou ler, mas de sentir a si mesmo e ao outro dentro deste ambiente.

---

[3] W. RICHARD WEST JR. 2010. P. 87

[4] KRAMER apud LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (org.). Museus, Educação e Cultura: encontros de crianças e professores com a arte (3ª edição) – Campinas, SP. Papirus, 2005.

A proposta de mediação de museus como o do Homem do Nordeste é quebrar a visão comum do museu enquanto "lugar de velharia, chato e que só se vai por obrigação" (IDEM, 2005) [5]; tal mentalidade é muitas vezes alimentada pelas experiências que esses sujeitos e os de sua vivência tiveram durante sua vida escolar.

Voltando à frase de Gilberto Freyre no início citada, uma das maiores responsabilidades que o Museu do Homem do Nordeste acaba, desde sua fundação, por embarcar é essa a de ser uma "documentação viva" sobre o homem nordestino. Pensando tal demanda, como se o museu fosse um laboratório onde os alunos veriam como funciona a cultura nordestina na prática, e o contexto no qual o Nordeste está inserido em seus vários aspectos.

A ação torna-se estranha ao vislumbrarmos que a cultura em sua própria definição é aquilo que se vivência socialmente, a distância que a exposição atual apresenta nesse sentido para o cotidiano desses grupos muitas vezes é gritante; tal distancia está presente em nosso exercício de escuta do público, que é realizado a cada início de visitação sobre o que, afinal, vem a ser o famigerado homem do Nordeste.

Analisando esse momento – verificamos que é justamente no ambiente escolar que ocorre o reforço a uma ideia de que tal identidade nordestina deve se remeter ao sertão, ao vaqueiro, ao cangaceiro, ao forró; quando na cada vez mais caminhamos a um contexto de diversidade de identidades em movimento.

> [...] em vez de falar da identidade como coisa acabada, deveríamos falar de identificação, [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior (HALL, Stuart. 2006) [6].

Seguindo tal lógica podemos verificar que a identidade busca na alteridade a certeza, eu só sou eu por que o outro me faz ser eu, eu sou eu porque não sou o outro. A nossa relação identitária com a cultura se dá de forma dialética, por meios das apropriações individuais que são forjadas sob o bojo de uma representação que é também coletiva, essas relações também ocorrem a partir do conflito por meio do confronto com o

[5] IDEM. P. 36.
[6] HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A,2006.P,39.

diferente e da assimilação de práticas, de usos, de profanações diferentes daquelas que estamos habituados.

Durante a visita a exposição o mediador busca provocar no grupo alguns questionamentos a partir de brincadeiras, perguntas e observações sobre o que eles vêm e pensam a respeito da sua identidade nordestina – adequando-se tais pontos segundo o nível escolar e etário dos mesmos -. Busca-se perceber desde os primeiros momentos como se dá a recepção desses alunos e professores ao que é apresentado e sobre a expectativa de que o Museu do Homem do Nordeste traga elementos que reforcem e exemplifiquem o que vem a ser a cultura nordestina e a sua memória sob a ótica ficcional de Nordeste.

O último ponto proposto para análise neste relato propõe-se a tratar do modo pelo qual estes alunos (variando sob diversas condições, especialmente idade e meio social – incluindo o escolar - no qual está inserido) realizam suas interpretações de modo muito semelhante ao que Circe Bittencourt[7] afirma ocorrer nas ilustrações dos livros didáticos.

A autora salienta diversos pontos sobre o uso nada imparcial de imagens nos livros didáticos, servindo estas a acordo de interesses ideológicos e financeiros atentando para o uso comum desse recurso (imagem e no nosso caso acervo) enquanto um "concretizador" de ideias mais abstratas presentes no conteúdo trazido pelo livro através de ilustrações, para exemplificar como tal uso foi reforçado ao longo da história da educação:

> "As crianças têm necessidade de ver as cenas históricas para compreender a história. É por essa razão que os livros de história que vos apresento estão repletos de imagens. Desejamos forças os alunos a fixarem as imagens [...]. É o que denominamos de revisão pelas imagens e acreditamos que este trabalho possa desenvolver a inteligência das crianças ao mesmo tempo que sua memória" (LAVIE, Ernest Apud BITTENCOURT, 2009) [8]

Isso nos faz refletir sobre o uso que as imagens e objetos no espaço museal tem tido ainda hoje para as visitas escolares. A concepção da necessidade de uma preservação e reforço da memória para se aprender o que é ser nordestino ou para se "ver na prática" de forma ilustrativa, sem uma preocupação previa ao que o objeto

[7] BITTENCOURT, Circe (org.). O Saber Histórico na Sala deAula. 11ªed – São Paulo: Contexto, 2009.
[8] LAVIE, Ernest Apud BITTENCOURT. P,75.

carrega quanto a seu significado e uso remetem provavelmente ao que também ocorre nas “figurinhas” presentes nos livros didáticos, especialmente os de História.

A educação do olhar do público que ocorre através das imagens desses livros nas escolas se transporta para a percepção tida no espaço museal: vê-se desatentamente, pede-se para o professor, mediador ou legenda ao lado da peça para que explique a imagem – bloqueando assim a proposta de permitir ao aluno ou outro visitante um instante de reflexão e interpretação autônoma.

Ao observar uma instalação em uma galeria de arte, um filme a ser exibido ou um artefato indígena exposto em um museu, o aluno é capaz de relacionar os objetos materiais a diferentes práticas sociais, durante nossa prática educativa no espaço expositivo do MUHNE o aluno é instigado a compreender que os centros culturais, como os museus são espaços de provocação, de dúvidas, de experiências, lugar que desperta a curiosidade do educando, que age no limiar da alteridade e identidade quando o mesmo se identifica com os objetos expostos ou quando frui e tem uma nova experiência estética capaz de lhe emocionar. Esse espaço tem por natureza o aspecto educativo.

Acreditamos que ao inserir tais espaços de sociabilidade, de cognição e afetividade ao cotidiano escolar estaremos proporcionando aos alunos a ampliação do seu repertório cultural, o educando será provocado a repensar o seu papel social, visto que os centros culturais são locais de interseção entre a instituição cultural, a escola e o mundo social. Entretanto se faz necessário uma aproximação entre este dispositivo expositivo educacional por natureza, e o docente.

Buscamos com o desenvolvimento deste trabalho problematizar o uso museus como elementos dialógicos às práticas escolares. Ao legitimar o museu como local de comunicação, exposição e educação, desdobramos este conceito aos demais centros culturais que comungam com tais objetivos, pois admitimos os museus não como legitimadores de memórias, porém como dispositivos essenciais à prática educativa que busca a educação do individuo de modo integral, autônomo e crítico.

Possibilitando ao sujeito ampliar seu repertório cultural, por meio de práticas que dialogam com espaço escolar e ao mesmo tempo o extrapola. Utilizamos desta

forma “a concepção freiriana de leitura de mundo” (PACHECO, 2010) [9], que vislumbra o educando como um ser atuante, que relaciona, critica e problematiza a realidade e os elementos aprendidos a partir da sua experiência.

Referências bibliográficas

_____ **O Museu do Homem do Nordeste** – São Paulo: Banco Safra, 2000.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A,2006.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (org.). **Museus, Educação e Cultura: encontros de crianças e professores com a arte.** Campinas, SP. Papirus, 2005.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museus e o ensino de história.** Revista Brasileira de História. São Paulo – v.30, nº 60, 2010.

W. RICHARD WEST JR. **Reflexões sobre museus no século 21**. Revista eletrônica de museologia e patrimônio, Rio de Janeiro - v.3 n.1 - jan/jun de 2010. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/> Acesso em: 08/06/2012.

[9] PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museus e o ensino de história. Revista Brasileira de História. São Paulo – v.30, nº 60, 2010.